

Ambivalência e Contradições: Uma Análise Crítico-Reflexiva de “O Cortiço” e “Os Fuzis”

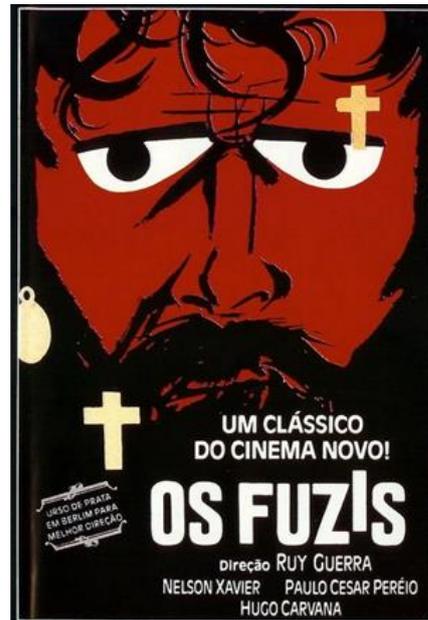
Rodrigo Marciel Soares Dutra¹

 <https://orcid.org/0000-0003-3952-535X>

RESENHA

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 38ª ed. São Paulo: Ática, 2019. 248p.

OS FUZIS. Direção: Ruy Guerra. Produção: Jarbas Barbosa. Intérpretes: Hugo Carvana, Paulo Cesar Peréio, Nelson Xavier, et al. Roteiro: Ruy Guerra, Miguel Torres. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964, 1 DVD (80 min), son., p&b. (Ficção).



Esta resenha tem como objetivo analisar as obras *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e o filme *Os Fuzis*, de Ruy Guerra, com enfoque na ambivalência como elemento central das narrativas. Busca-se estabelecer um diálogo crítico-reflexivo sobre as interseções entre os contextos sociais, econômicos e

¹ Doutorando em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás (UFG), rodrigo.dutra.gyn@gmail.com.

ambientais representados nas duas produções, explorando os aspectos que ilustram a condição humana e as dinâmicas de exploração na sociedade capitalista.

Ao analisar as obras *O Cortiço* (literária) e *Os Fuzis* (cinematográfica), verifica-se que o ponto de convergência entre ambas é a ambivalência. Inseridas em contextos distintos, elas refletem as características de suas respectivas correntes artísticas. *O Cortiço*, filiado ao Naturalismo, explora de forma detalhada a influência do meio sobre o comportamento humano, enfatizando os instintos e as condições sociais como fatores determinantes. Essa escola literária, marcada pela objetividade científica e pela análise crítica das estruturas sociais, busca evidenciar como os indivíduos são produtos de suas circunstâncias. Por outro lado, *Os Fuzis* se enquadra no movimento do Cinema Novo, caracterizado por uma abordagem crítica e engajada, que dá voz às questões sociais e políticas do Brasil. Com forte influência do neorrealismo italiano, o Cinema Novo utiliza a estética da fome como ferramenta para expor a precariedade e a luta pela sobrevivência em um país marcado por desigualdades estruturais. Ambas as produções, portanto, compartilham o compromisso de denunciar as condições opressivas de seus contextos sociais, embora o façam por meio de linguagens artísticas distintas.

Nesta perspectiva, Antônio Cândido, em seu ensaio "De Cortiço a Cortiço", descreve dois movimentos que se complementam: o centrípeto, associado às pressões negativas exercidas pelo meio, e o centrífugo, ligado aos esforços individuais para superar tais adversidades. Em *O Cortiço*, as vicissitudes da natureza brasileira alteram o caráter e o comportamento dos indivíduos, enquanto, em *Os Fuzis*, a seca configura um desafio extremo. Apesar dessas pressões, as personagens resistem de diversas formas: João Romão, no romance, evidencia determinação ao enfrentar as dificuldades do ambiente, e as migrações no filme mostram uma busca ativa por melhores condições de vida. Esses exemplos ilustram a resiliência humana frente à adversidade, reforçando a ambivalência do meio.

Outro ponto de destaque em ambas as obras é a exploração econômica. Em *O Cortiço*, João Romão ilustra a dinâmica predatória ao submeter os moradores à exploração implacável, manipulando o comércio e monopolizando os recursos. De forma similar, em *Os Fuzis*, a exclusividade do armazém na cidade de Milagres reflete a concentração de riqueza e poder nas mãos de poucos. Essa lógica de exploração evidencia a dicotomia entre exploradores e explorados, típica da sociedade capitalista, onde o acúmulo de capital por uma minoria perpetua a desigualdade.

Ademais, uma contradição marcante em ambas as narrativas é o papel da polícia, instituição que, teoricamente, deveria zelar pela proteção e segurança da população. Contudo, tanto no livro quanto no filme, observa-se uma força repressora a serviço das elites, cuja função primordial é proteger a propriedade privada e sufocar qualquer ameaça ao status quo. Esta inversão de valores reafirma a opressão estrutural intrínseca às instituições dominantes.

A natureza é outro elemento central nas obras, sendo retratada como vilã. Em *O Cortiço*, o sol abrasador instiga desvarios emocionais e morais, enquanto, em *Os Fuzis*, o sertão árido intensifica a luta pela sobrevivência. No entanto, argumenta-se que a relação entre a natureza e o comportamento humano

não é determinística, pois os avanços tecnológicos demonstram a capacidade humana de modificar e adaptar o ambiente. Exemplos como projetos de irrigação no semiárido nordestino corroboram essa tese, assim como a narrativa de “Germinal”, de Émile Zola, que aborda conflitos similares em contexto europeu, demonstrando a universalidade dessa dinâmica.

Assim, *O Cortiço* e *Os Fuzis* representam, cada um à sua maneira, microcosmos da sociedade brasileira e mundial. Suas narrativas revelam um panorama de ambivalências, contradições e desigualdades, convidando à reflexão sobre a condição humana e a estrutura social em que estamos inseridos. Sob o mesmo sol que aquece e consome, coexistem exploradores e explorados, vencedores e vencidos, em uma luta constante pela sobrevivência e pela dignidade.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 38 ed. São Paulo: Ática, 2019. 248p.

CÂNDIDO, Antônio. De Cortiço a Cortiço. **Novos Estudos**, São Paulo, n.30, 1991. p. 111-129.
Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/De%20cortico%20a%20cortico%20-%20Antonio%20Candido.pdf>. Acesso em 9 dez 2024.

OS FUZIS. Direção: Ruy Guerra. Produção: Jarbas Barbosa. Intérpretes: Hugo Carvana, Paulo Cesar Peréio, Nelson Xavier, et al. Roteiro: Ruy Guerra, Miguel Torres. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964, 1 DVD (80 min), son. p&b. (Ficção).

ZOLA, Émile. **Germinal**. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2022. 560p.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.